



GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) -
Coordenador/a, Lídia Maria Pires Soares Cardel
(Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

Circuitos curtos de comercialização no município do Rio de Janeiro: resistência em forma de alimento

Autoria: Ketyline Pimenta Genaro

O presente work trata-se de um estudo feito com agricultores familiares do Maciço da Pedra Branca, na cidade do Rio de Janeiro, sobre suas relações com o comércio local e estratégias de comercialização. O artigo mostra a forma como a agricultura de base familiar, feita dentro da cidade, vem conseguindo se sustentar e resistir em um ambiente tão desfavorável para essa agricultura. Com o foco voltado para as formas de comercialização dos produtos advindos dessa agricultura, pudemos perceber o quanto a unidade de produção ecológica sofre pressão das regras de mercado e como isso tenta ser amenizado com diversas estratégias de organização produtiva diante de um mercado competitivo e globalizado. (BRANDENBURG, 2002). Estar presente no cenário do comércio local é uma estratégia que viabiliza o modo de vida dessas pessoas. A partir disso, este work mostra duas experiências dos agricultores do Maciço da Pedra Branca, zona oeste do Rio de Janeiro, em circuitos curtos de comercialização, a Cesta Verde e a Feira Agroecológica da Freguesia, e como essas experiências são desdobramentos de uma atuação sistemática e integrada de atores, organizações e movimentos ligados à agroecologia que, desde 2007, têm atuado na cidade em defesa das atividades agrícolas. Enquanto empreendimento que buscava fortalecer os agricultores, a Feira da Freguesia e servir de parâmetro para a demanda que se organizaria para a formação da feira em Vargem Grande, pode-se dizer que a Cesta Verde cumpriu seus objetivos. O circuito curto de comercialização é um mecanismo de fortalecimento da agricultura local e por isso contribuiu para que o objetivo de fortalecimento da FAFRE fosse alcançado. A parceria entre dois mercados em que um depende e alimenta o outro foi bastante funcional, nesse caso. Embora haja alguns pontos destoantes nas características de circuito curto em relação aos casos analisados, cabe-nos compreender que essa definição ainda é pouco trabalhada no Brasil e, por isso, pode se esbarrar em peculiaridades, como ficou claro ao longo do texto. A feira de Vargem Grande apresenta particularidades e problemas naturais de um empreendimento ainda em estágio inicial, como por exemplo, a dificuldade em passar para o cliente as diferenças entre o alimento orgânico e agroecológico. Antropologicamente, a pesquisa pôde nos mostrar princípios ordenadores de troca (MAUSS, 2003) que não



são simples e podem ser vistos como forma de crítica social, nos termos da pesquisa, os circuitos curtos de mercado, são assim um contraponto ao mercado capitalista hegemônico, que expressa a insatisfação com o sistema econômico, mostrando-se como uma forma de resistência, que como colocou Polanyi (2000), é tão legítima quanto a luta de classes.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**